



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR EM INVÓLUCRO FECHADO DE PLÁSTICO OU PAPEL PODE ABRIR-SE PARA VERIFICAÇÃO POSTAL

Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi fermé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

23 de Dezembro de 2006 • Ano LXIII • N.º 1638
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre João Rosa • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1239

Natal

EIS-NOS de novo às portas do Natal, celebração maravilhosa e comovente da vinda de Deus ao mundo. Uma entrada surpreendente e original: «eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho chamado Emanuel» — Deus conosco. Não há palavras mais apropriadas para exprimir o mistério que as da liturgia deste santo tempo. Com efeito, diante da estupefacção que este santo nascimento provoca em nós, são os hinos, os salmos, as leituras dos profetas e dos santos a melhor expressão da alma diante do mistério. Cantemos pois a alegria deste tempo santo. Deus não esquece o Seu Povo, nem fica impassível ao desenrolar da história dos homens, Jesus, o Seu Amado Filho vem morar conosco não apenas para se solidarizar com o nosso destino, mas para nos salvar, nos reconciliar com o Pai; para nos introduzir na esfera da filiação divina, de modo que ninguém jamais se sinta sozinho, mas irmão de todos. Com o Natal de Jesus tudo o que é pequeno e frágil se converte em desafio para nós a que o tomemos como manifestação da verdadeira força, do verdadeiro poder de Deus.

Uma criança, o nosso Deus! Eis a Sua força! Porquê tanto medo, tanta resistência à Sua vinda, ao Seu nascimento? Vamos pensar que o mundo pode ser melhor; que isso depende de Deus, sobretudo, mas muito de nós, também. Vamos festejar a vida e a vinda de Jesus no acolhimento a todos, principal-

mente aos mais pequeninos e Pobres, a Sua imagem resplandecente; mais uma vez, mais um ano, pensando, é certo, que o Natal pode e deve ser todos os dias, mas que a nossa memória é curta e por isso é importante que ao menos uma vez por ano avivemos a recordação das coisas mais belas que a vida contém e das quais o Natal nos faz memória...

Vamos cantar a vida que nasce ou está prestes acontecer. Façamo-la, naquela santa noite, de olhos postos na gruta de Belém e em todas as grutas do desconforto que não permitem a oxigenação da vida e do amor; de olhos em Maria, a Mãe do puro amor, que O aceitou em condições tão difíceis e misteriosas.

Vamos comprometer-nos com a vida dos que não são acolhidos em condições dignas de nascimento, de crescimento, de maternidade, de paternidade, aqui, à nossa porta, já que facilmente nos alheamos para outras latitudes; em nossas Casas do Gaiato, quais presépios vivos, onde Jesus nasce e cresce porque muitas mãos se unem e corações se abrem ao calor da partilha e do amor.

Não tenhamos receio de voltar a trocar cartões e mensagens de paz mesmo que à nossa volta se ouçam os canhões da discórdia. É preciso acreditar de novo na mensagem dos anjos, gritá-la até que o Natal seja todos os dias e o clarão da sua aurora não se apague jamais.

Padre João



Mozambique

Um tornado

ATÉ nesta terra chega em demasia, por todos os meios, a publicidade do Natal. Todo o mundo enche as ruas da cidade, uns a querer vender, outros a procurar o que comprar. Os carros amontoam-se, os estacionamento estão cheios... Todo o mundo anda em festa, mas o nosso coração amargurado.

O Povo de Changalane está a viver o pior momento da sua vida. Desde que se formou a povoação, até hoje, nem os anos da guerra, nem a malária e agora a sida, trouxeram tanta inquietação. Uma espécie de tornado, com chuva torrencial e granizo, com mais de um quilo, destruiu 737 casas de capim, destelhou 58 das 150 em alvenaria que ao longo destes anos fomos construindo; na Casa Agrária, o escritório, loja, fábrica de farinha de mandioca e outras dependências. São 1685 pessoas desabrigadas que estão a receber comida na Creche onde, graças a Deus, tudo ficou direito. O Berçário também ficou muito danificado com o granizo.

Continua na página 4

Malanje

Um casal e uma senhora

VIERAM de Espanha um casal e uma senhora para nos dar uma ajuda durante um ano. Já tinham feito, na nossa Casa, a experiência de um mês. Agora, será um ano: Rouparia, despensa, cozinha e, sobretudo, dar o seu coração aos rapazes.

É necessário dar comida, habitação e roupa... muito mais importante educar pelo amor para a vida. Valiosa, portanto, a presença de pessoas disponíveis e atentas às necessidades e aspirações de cada rapaz. Acompanhamento quotidiano — como o do nossos pais na nossa infância. Nunca armazém de rapazes... A nossa Casa de Malanje, durante as guerras, pouco mais foi do que um armazém. Um mal necessário num período conturbado? Talvez sim. É urgente a mudança neste período de paz e sem tantos casos urgentes a bater-nos à porta.

A vinda do casal José e Ana e da Irmã Maria é luz e esperança. Eles serão a alavanca na viragem duma

mentalidade que ainda cheira a fome e a tiros.

Um Padre espanhol

UM senhor Padre passou em nossa Casa as férias de Julho. — Se o meu Bispo me deixar, virei ajudar-vos. «Nada sem o Bispo».

Ele trabalha numa paróquia de Saragoça e na pastoral dos ciganos. Telefonou há dias e, cheio de alegria, deu-nos a notícia de que o seu Bispo está disposto a dá-lo à Obra da Rua no próximo mês de Julho. Fui-lhe dizendo que era norma a passagem pelas nossas Casas, também para conhecer os nossos Padres e que brevemente comunicaria a boa-nova ao nosso Padre responsável.

Lá do fundo de Espanha? Para Deus não há linhas de fronteiras, é só espaço livre e sem fim, é só infinito.

Padre Rafael, para os íntimos — somente Rafa — fumando seu cigarrito com seus amigos ciganos, espera o mês de Julho para mergulhar.

Padre Telmo

ANDAMOS com obras na Capela da Aldeia de Paço de Sousa.

Uma das águas do telhado, a esquerda, se voltados para o Altar, apresenta uma barriga de mais de 20 centímetros de profundidade, indicador do apodrecimento da madeira que suporta o telhado.

Com mais de 60 anos, a telha não merece confiança nem compensa a reparação.

A única forma de obviarmos qualquer desagradável imprevisto é substituir o telhado.

Numa Casa do Gaiato, a Capela é o centro de onde irradia o maior dinamismo de uma vida equilibrada. Ao construí-la entre a casa-mãe com refeitório e cozinha, as escolas e oficinas, Pai Américo quis materializar esta sua afirmação por ele tantas vezes repetidas: «A vida religiosa em nossas Comunidades seja o centro».

Na Capela pôs, o nosso Fundador, todo o seu enlevo aquando da construção, chegando mesmo a afirmar e escrever que tinha «volúpia» da Capela.

Sujeitando-nos a algum escândalo e questiúncula, quisemos orná-la com uma cornija interior, em granito da região, igual ao que a compõe.

Dar beleza e arte ao que é mais importante na formação dos rapazes é dever nosso, para que se torne mais atractivo e revelador da transcendência que o envolve. O Padre Américo, em tempos de penúria, mandou fundir um cálice de ouro para realçar o mistério eucarístico e toda a grandeza que ele encerra.

Naquele tempo, o ambiente cultural era denso de valores humanos e espirituais, apesar disso, esta necessidade apresentava-se-lhe imperiosa. Que faremos nós na aridez actual que nos sufoca?!... Não basta aprimorarmos o cántico, a música os instrumentos e as vozes, o treino das leituras, cuidado com as homilias, a solenidade com a celebração, acólitos revestidos de túnicas, etc. E o edifício? — Se lhe vamos mexer porque não embelezá-lo ao mesmo

Momentos

Afirmações

tempo quando podemos aproveitar artistas raros, como o António Carpinteiro, o trabalho dos rapazes e o seu gosto?

No Verão, os rapazes que no tempo escolar frequentam cursos de carpintaria, ocuparam-se a aparelhar a madeira e a correr os moldes nas máquinas, segundo o desenho previamente aprovado do primoroso tecto.

Com o Inverno, as obras têm sido difíceis, demoradas e dolorosas. Por causa da chuva, não temos podido descobrir o telhado, pois a água dar-nos-ia cabo do soalho e do lambrim de madeira talhada que reveste as paredes interiores do corpo da pequena igreja.

Depois da abertura de roços junto ao telhado, altos e profundos, para o encastramento das pedras trabalhadas que constituem a cornigem, a Capela ficou imunda de entulho e de pó!

Ao fim-de-semana, o santuário tem de estar aberto e limpo.

Mais do que a presença escondida do Senhor no Sacrário e a necessidade da Celebração dominical da fé, a campa de Pai Américo é o grande atractivo. Um corruio de gente chega, de toda a parte, para se ajoelhar junto dela, dando graças, implorando e gemento, acender velas e pôr flores.

Após o jantar, num sábado, à noite, os rapazes recolheram-se às suas casas e ao bar onde a TV apresentava um desafio internacional de futebol. As noites frias convidam ao aconchego e à diversão em ambientes aquecidos.

Continua na página 4

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

SITUAÇÃO DE POBREZA — «Um quinto dos portugueses vive nesta situação. Os instrumentos para combate à exclusão, documentos normativos, declarações, foram também abordados num curso de carácter oficial, como ponto de identificação da questão, para depois passar à intervenção, 'que se tem vindo a alargar'. O que antes se ficava pelas políticas sociais, 'hoje abrange áreas culturais, ambientais, de saúde e educação', salientou a coordenadora do PNAI.

Áreas que devem convergir para actuar junto de um quinto da população portuguesa, ou seja, '21% dos portugueses vivem em situação de pobreza e exigem atenção às suas condições de vida', recordou.

Neste sentido, referiu os três objectivos do PNAI até 2008: o acesso universal aos direitos, a inclusão activa de todos os cidadãos e a monitorização e avaliação do programa ao longo de todo o seu percurso 'para poder avaliar e corrigir atempadamente', defendeu a coordenadora.

Quanto à inclusão activa, ou seja, a inclusão no mercado de trabalho, não têm ilusões. 'Não é fácil na actual conjuntura, mas não podemos desistir de ver no trabalho um pilar de inclusão, embora no nosso País existam muitos trabalhadores pobres'.

O coordenador da AIDSS referiu que o objectivo deste curso de formação era dar aos profissionais que trabalham nesta área uma explicação mais aprofundada sobre as linhas-mestras do plano nacional.»

PARTILHA — Assinante 21042: «Junto um cheque de 150 euros destinado à Conferência de Paço de Sousa e ao pagamento d'O GAIATO. Agradeço o envio de recibo para efeitos de IRS, por conveniência... Que Deus continue a ajudar-vos».

Lagos, assinante 80147: «Envio cheque de 100 euros para ajuda de um melhor Natal aos Pobres. E com desejos muito sinceros de um Santo Natal para todos. Que Deus vos ajude».

Lagares, assinante 23143: «Cheque para a assinatura d'O GAIATO e fazer, mais uma vez, de 'recoveiro dos Pobres', aplicando o restante nalguma necessidade mais premente. A Casa do Gaiato faz parte das minhas intenções de Advento».

Assinante 72941: «Queridos amigos e irmãos em Cristo, rogo a Deus que todos quantos contribuem e orientam essa Obra de Caridade, assim como a todos os assistidos, tenham um Santo Natal, que Jesus quer nascer nos nossos corações. Junto cheque de dez euros, tenho 84 anos, mas ainda leio o Jornal com amor».

Vila Nova de Gaia: «Envio um cheque de 50 euros para ajudar a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus neste Natal. Agradeço que me mandasse um recibo», assinante 35193.

Lisboa: «Um cheque de 200 euros a fim de o utilizarem como melhor o desejarem no tempo que se aproxima, do Natal». Assinante 71812.

Marinhas — Esposende: «Caríssimos, as minhas saudações fraternas. Com o coração apreensivo mas confiando na vossa Obra, eu vos escrevo para que saibam que estamos e estaremos sempre convosco, pois sabemos

que é uma Obra que vem de Deus e é de Deus. Apesar das incompreensões e dos ataques, continua e continuará. Parabéns, que Deus vos ajude, o que eu não duvido. Envio cheque de 200 euros para o que for da vossa vontade», assinante 17302.

Condeixa: «Caríssimos amigos, mais um cheque, de 45 euros, meus e de uma pessoa de família, para que sejam aplicados aonde for mais necessário, especialmente nesta época servirá para as guloseimas dos mais pequenos, para brinquedos que precisarem dos mais crescidos e, também, para a consoada dos que estão ao vosso encargo. Bem-hajam por tudo o que fazem a favor do Próximo. Desejo a todos vós um santo Natal e um novo ano cheio das maiores felicidades». Assinante 68570

A nossa gratidão a todos os Amigos e votos de Santo Natal e Ano Novo. «Deus fez-se próximo de nós no Menino de Belém. Mas Jesus ainda não 'invadiu' o coração de cada homem e mulher, nem sequer daqueles que também o anunciam».

Eis o endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa.

Júlio Mendes



Joana, filha da Luísa e do Jorge, neta do Manuel Pinto decano do Jornal.

Paço de Sousa

DESPORTO — Depois de sete jogos consecutivos sem perder, conhecemos agora o sabor do empate, com o Estrelas F. C. de Fânzeres fora de nossa casa. Um jogo viril de parte a parte, mas sempre com o sentido de uma amizade sincera. Podíamos ter feito outro resultado melhor, já que dispusemos de várias oportunidades e algumas delas, flagrantes! Eles também tiveram, é certo. No entanto, o golo que sofremos, segundo o nosso guarda-redes, não chegou a entrar, mas como Deus escreve direito por linhas tortas, o único golo que marcamos, por intermédio do Gil, também teve direito a ser daqueles de «crista vermelha»...!

Independentemente do jogo, fomos recebidos com tanto carinho, que mais parecia que estávamos em nossa casa, do que em casa do adversário. Diziam alguns dos nossos Rapazes: «...somos mais importantes que a festa de Paço de Sousa!», já que no final do jogo, e no recinto do mesmo, decorreu uma sessão de fogo de artifício.



Paço de Sousa — craques de 2006-2007, ainda não perderam nenhum jogo.

O jogo acabou, já, com a iluminação acesa. Depois de tudo arrumado, fomos presenteados com uma merenda, na sede do clube, com a presença de todos os jogadores adversários, equipa técnica, médica e respectivos dirigentes. Todos simpáticos e muito queridos. Como se tudo isto não fosse o suficiente, ainda tivemos que carregar a nossa carrinha com imensas coisas, que eles nos ofereceram.

A todos os nossos sinceros agradecimentos. Agora, esperamos recebê-los em nossa Casa, mas... mais modestamente!

Em nossa casa recebemos o Ermentão Sport Clube. Vinham carregadinhos de boas intenções. Cheios de generosidade e a pensarem fazer o melhor possível, sem causarem qualquer perturbação. Disso não tenho a menor dúvida. Vinham com os carros carregados de coisas para nós. Até uma «Ford Transit» traziam carregada.

Este grupo é gente muito boa e muito organizada. Tinham feito uma campanha para a angariação daquilo que nos trouxeram. Mas tudo isto é uma coisa, e o jogo é outra.

No relatório de intenções que traziam, não devia estar nada registado com a possibilidade de não ganharem dentro das quatro linhas.

Começou o jogo e tudo bem! Qualquer um dos seus atletas, dava dois dos nossos. Sempre ouvi dizer que os homens não se medem aos palmos. Mas eles fizeram o 0-1 e o 0-2. E eis que chega o intervalo. Os nossos Rapazes chegaram ao balneário, refrescaram-se e sentaram-se. Parecia um velório! Foi-lhes dito que nada do que parecia, era. Que isto era apenas um jogo de futebol e que ainda faltavam 45 minutos; que apesar de estarmos a perder, nada dizia que vitória não poderia surgir. Disse... e fomos para o campo.

Com 10 minutos da segunda metade, saiu o André e entrou o Agostinho. Fez dois golos e deu «show» com as suas habituais cambalhotas. Impressionante! Depois, saiu Ricardo Filipe e entrou o Rogério. Também marcou um belo golo de cabeça e fez o 3-2. Por último, saiu o Abílio e entrou o Ilídio, que também marcou dois golos, um dos quais de bola parada, deixando toda a gente de boca aberta!

Conclusão: uma segunda parte frenética, inspirada, com várias mexidas, já que do banco saltaram os Rapazes que haviam de mudar o resultado, ao marcarem cinco golos para descontentamento das gentes de Ermentão (Gondomar). Lá para meados de Fevereiro, vamos a casa deles, e... já sabemos o que nos vai tocar!

Alberto («Resende»)

Miranda do Corvo

UM NOVO RAPAZ — No dia 2 de Dezembro chegou um rapaz para viver connosco. Veio de Angola (Benguela) e chama-se Edmar Alexandre. É irmão do Evandro, que já cá está há alguns anos. Passadas duas semanas, já está adaptado à nossa Casa e é muito simpático e educado. Está a estudar no 10.º ano na EB2/3 Avelar Brotero, em Coimbra. Já demonstrou ser um excelente jogador de futebol. Poderá ser um bom reforço para a nossa equipa.

AGRICULTURA — Finalmente a apanha da azeitona acabou. A azeitona encontra-se agora no Lagar de Azeite, em Rio de Vide. Já trouxemos 131 litros de azeite, mas ainda lá estão azeitonas para muito mais.

Neste momento estamos a «desgrelar» as batatas.

De seguida, começaremos a «debulha» do milho.

VISITAS — Nos dia 29 de Novembro a nossa Turma, dos Currículos Alternativos, foi fazer uma visita de estudo. Fomos na nossa carrinha com o professor Paulo e encontramos-nos, em Coimbra, com os outros nossos professores. Começamos por visitar o Museu Zoológico, passamos pela exposição da Ciência Viva e pela Faculdade de Medicina. Foi muito interessante, pois, sobretudo no Museu Zoológico, tivemos a oportunidade de ver algumas coisas que tínhamos aprendido nas aulas. Na Exposição da Ciência Viva, tivemos a oportunidade de «brincar com a Ciência», através da realização de algumas experiências. De seguida, fomos almoçar ao Fórum de Coimbra, onde cada um almoçou onde quis: uns foram ao McDonalds, outros ao Burger King, outros ainda à Casa das Sopas, etc. No final do almoço, passeamos pelo Fórum para vermos algumas montras e ao mesmo tempo desfrutar do ambiente natalício que nesta altura já se vive. Os nossos professores trouxeram uma merenda, a qual comemos em conjunto. No regresso a Casa, trouxemos o que restou da referida merenda e partilhámos com os alunos do primeiro ciclo. Foi um dia muito interessante e divertido. Queremos agradecer aos nossos professores, a visita que nos proporcionaram, bem como a merenda e todo o carinho que nos dispensaram.

No dia 10 de Dezembro (Domingo) o Adriano veio fazer-nos uma visita.

Passou o dia connosco, onde tivemos a oportunidade de matar algumas saudades! Gostámos muito de o ter recebido e esperamos que venha mais vezes.

No mesmo dia, o Rúben Silva e os seus irmãos receberam a visita de uns vizinhos. Trouxeram alguns presentes e foram almoçar com eles a um restaurante.

Gaiatos do Alternativo

Associação de Antigos Gaiatos e Familiares do Centro

No passado dia 24 de Novembro, tivemos mais uma triste notícia: o desaparecimento do nosso antigo colega de Miranda, em cuja Casa esteve vários anos e ali se fez homem, José dos Santos Pais, mais conhecido por «Zé Grilo», sendo seu irmão o «Grilito». José Carlos dos Santos Pais, que também ali esteve ao mesmo tempo.

Ambos emigraram para a Alemanha, onde o «Zé» trabalhou durante muitos anos, teve um acidente grave de trabalho há anos, recompôs-se, continuou, reformou-se, há cerca de três meses, mas em 24, a doença que o minou, não perdoou, aos 66 anos. Como a sua mulher é de Miranda do Corvo e ali vive o seu irmão, estabelecido em casa própria com mercearia, veio o seu corpo sepultar, onde estivemos em representação da nossa Associação.

A viúva Marília e ao filho Alexandre renovamos os nossos sentimentos de pesar, bem como ao seu irmão José Carlos, porque a vida é mesmo assim. Paz à sua alma.

Encontramos-nos na quadra natalícia, não queremos deixar de desejar a todas as Pessoas Amigas, aos nossos colegas antigos gaiatos e suas famílias, bem como aos actuais gaiatos e pessoas que trabalham e cuidam das Casas do Gaiato, os nossos mais sinceros votos de Feliz Natal e óptimo 2007, não esquecendo alguns dos nossos colegas doentes, a quem auguramos rápidas e seguras melhoras.

Esperamos voltar com notícias mais agradáveis, porque as tristes, dispensamo-las. Um abraço para todos.

Manuel dos Santos Machado

Porquê o Natal

Porquê o Natal,
Tantos presépios sem luz
Para quê o Natal
Se o coração não tem Jesus!...

Com a esperança de cada dia,
Com o Teu amor que é tudo...
Vamos sorrir e cantar,
Jesus nasceu para o mundo!

O coração brota de amor
Felicidade e luz,
Porque neste dia
Adoramos a Jesus.

David Rosa

Lions de Setúbal. Venderam-se velharias e outras coisas, sendo o resultado da venda dos produtos a favor da nossa Casa. Queremos agradecer às pessoas que colaboraram.

VACARIA — Esta semana fizemos mais uma vez as camas para as vacas. Primeiro, tira-se a areia suja das divisões onde elas se deitam. Depois, põe-se areia nova. Queremos agradecer ao nosso vizinho que nos oferece todos os anos vários reboques de areia.

Carlos Alberto

Setúbal

NATAL — Nós continuamos com os preparativos para a Festa de Natal. Estamos a ensaiar danças, teatro, músicas, etc. Se Deus quiser vai correr tudo bem.

Já estamos a fazer o presépio de Natal e também a árvore que ficará no refeitório, que também será enfeitado.

PAVILHÃO — Está quase pronto o nosso pavilhão. Só falta pôr a rede à volta e marcar o chão. Não tarda e já lá podemos fazer vários jogos.

À frente estamos a fazer jardins, vai ficar muito bonito. É mais um cargo para o «Monchique», nosso jardineiro.

CONVÍVIO FRATERNAL — Três dos nossos rapazes foram ao Convívio Fraternal que se realizou na nossa casa da Arrábida. Fizeram amigos novos e conviveram com eles. No encerramento, que aconteceu na Anunciada, fizeram teatro e participaram na Missa. Gostaram muito.

FEIRA DA LADRA — Organizou-se a 22.ª Feira da Ladra pelos

África

MAPUTO — A minha passagem pela Casa do Gaiato, em Maputo, foi o culminar da minha vinda por terras de África ao serviço da Obra e dos povos desfavorecidos.

Meu coração, dilacerado, sofre, ao deixar nas mãos de um grande Homem, cansado e gasto, uma Obra de muito sacrifício, exigente e de uma grande responsabilidade para com a sociedade, na educação abrangente a todos os níveis, de muitas crianças completamente abandonadas.

Só com grande fé, em comunhão com Cristo, coragem, amor e dedicação é possível ganhar forças para que a sua Obra não esmoreça nem morra, mas, sim, revitalize os corações de quem dela precisa e ajude a crescer, na justiça e na paz.

Seus frutos são visíveis aos olhos do povo, e não só. Daí o mérito à grande homenagem que o Governo lhe prepara.

Que os nossos rapazes não se acomodem ao serviço desta Obra, mas saibam aceitar o chamamento para as atribuições que lhes são confiadas, para que possam, com o seu exemplo, educar e respeitar humildemente muitas outras crianças que esperam a sua vez.

Júlio Silva

Quadro vivo

«A sorte grande e a terminação.» Assim começo esta conversa com os nossos Leitores. Não vos falo de lotaria nem de conto de fadas, mas de um quadro vivo bem presente nesta Casa. Um postal natalício que ofereço a todos que nos acompanham.

Falo-vos de um rapaz que vive com o pai e a madrasta. O ambiente, pesado, não é o melhor para o seu crescimento mental, moral e psicológico. O pai, gravemente doente, está preocupado com o futuro do filho sem nada poder fazer. Por razões financeiras, e não só, resolve pedir ajuda aos responsáveis pela Casa do Gaiato. Expõe a sua aflição e preocupação. O estudo do seu filho. As dificuldades e hábitos de vida que leva, colocam-no em situação de risco. Vagueia pelas ruas com as atitudes próprias de um garoto das ruas. Sua idade não é a mais indicada para dar entrada nesta Casa. Analisada a problemática familiar, dá-se-lhe a mão para prosseguir nos estudos. Todos os dias apanha os transportes da Casa para a nossa Aldeia. O tempo passa, o cansaço e má nutrição levam os responsáveis a ponderar, de novo, a situação, admitindo-o definitivamente como gaiato.

Apesar dos seus 14 anos de idade é acarinhado e amado pelos responsáveis. Ao fim de algum tempo, reconhece o valor da Obra e todo o carinho e amor que recebeu.

Shelton, assim se chama, tem 1,97m de altura. Pela manhã, vai à casa-mãe, levanta o mais pequenino e, no seu regaço, como se de um embrulho se tratasse, leva-o para a sala de jantar, dando-lhe o pequeno-almoço. De seguida, pela mão, vai deixá-lo na Escolinha. Ao fim da tarde, pela hora do Terço, de novo lhe serve o jantar. Pronto para um repouso bem merecido, deita-o e dorme como um anjinho.

Gito, é o seu nome, tem 3 anos, apenas. É um menino muito reguila e cheio de vida. Amado, acarinhado por todos, não se dá conta do que lhe estava predestinado.

Uma verdadeira escola no sentido da palavra, onde o amor, carinho, afecto e dedicação não lhe faltam substituindo, assim, os pais biológicos desta criança.

À nascença, Gito é embrulhado em papel e atirado para o lixo pela própria mãe. Recolhido pelas Irmãs de Madre Teresa de Calcutá, é assistido e criado até fazer os três anos. Com esta idade, dá entrada na Casa do Gaiato, em Maputo, como um anjo que cai do Céu.

Um final feliz para este menino deitado nas palhinhas.

Shelton, com 18 anos, recebe a notícia da morte de seu pai. Triste, informa o responsável da Casa da decisão que vai tomar: de assumir, com a madrasta, os dois irmãos mais novos. Sabe que não é fácil esta decisão. Contudo, enfrenta a

A Obra deste Homem, muito conhecida, não tem mãos a medir.

Não só abrange crianças em risco como muitas famílias carenciadas, prestando assistência na saúde, na educação dos seus filhos, e na habitação, assim como, pelo trabalho bem remunerado para que, com o suor do seu rosto possam sustentar as suas famílias.

Um trabalho verdadeiramente social, tendo em conta muitos sobresaltos para a manter viva, onde as dificuldades de subsistência abundam, mas nem assim desfalece, servindo com a força do Evangelho um Povo martirizado pela guerra.

Padre José Maria, outro Samaritano como Padre Telmo.

Homem cansado. Consigo tem uma Obra e um projecto de vida, digna de se ver.

Tudo foi e é cuidado ao pormenor em favor das crianças.

Irmã Quitéria lutou lado a lado com o nosso Padre Zé, para que o sonho de uma aldeia devidamente projectada para crianças fosse uma realidade.

Outros sonhos foram realizados como creches, infantários, escolas, postos de saúde, habitações para muitas famílias previamente organizadas em comunidades rurais num raio de cinquenta quilómetros.

Massaca, por onde começaram, trazem com eles grandes recordações. Terra de paz e vida. Assim, definem este lugar da sua chegada.

Uma entrega total ao serviço deste Povo e destas crianças.

Fruto de muito trabalho, de horas perdidas e noites, para em tão pouco tempo realizarem seus sonhos.

Abriam cento e cinquenta crianças desprotegidas.

Sem confiança em Deus, fé, amor pelo próximo e sacrifício, não seriam capazes de realizar esta maravilhosa Obra de Deus e dos homens.

Gostei do que vi e ouvi todo este tempo.

Deus é grande na Plenitude, onde o Homem sonha e a Obra nasce.



Shelton e Gito

vida dando um grande exemplo de amor fraterno e paternal. Leva a promessa de uma ajuda mensal para minimizar os custos da sua subsistência e os estudos, assim como a assistência na saúde. Só quem não mergulha nesta vida é que não sabe o quanto sofrem estas crianças. Uma entrega total na qual, os nossos Padres, se desgastam até ao tutano.

Júlio Silva

DOCTRINA



Respeito a pessoa humana
com todos os seus atributos.
Detesto a série, a tutela, a escravidão...

DOIS dos nossos que trabalham no Porto viram, há dias, uns farrapões, assim como também eles foram em tempos não muito afastados, e souberam que eles tinham estado em Paço de Sousa, aonde pediram entrada. Não ficaram. Nem aqueles nem infinitos outros. Ora os dois, sabendo deste lamentável acontecimento, procuram-me, em comissão, e expuseram as suas vistas. «Nós devemos ter uma hospedaria», disseram, «onde possamos receber por algum tempo os que vão de viagem, para os lavar e vestir decentemente». Um falava em se construir uma pousada. O outro era de opinião que talvez se pudessem apropriar alguns quartos, outrora celas do antigo convento. Ambos lamentavam que os dois pequenos tivessem ido embora. Isto deu-se tal e qual. Ai de mim se eu mentisse!

FOI o Adriano que trabalha na Camisaria Confiança. E foi o Zé Eduardo que trabalha provisoriamente na Casa Nun'Álvares. Digo provisoriamente, porquanto ele está talhado para outra missão. Já lhe perguntei se o posso matricular este ano no Liceu. Ele é que me há-de dar licença. Pois muito bem. Foram os dois. E aqui já se responde aos que sincera e afilivamente põem em seu coração o problema dos continuadores da Obra. E também começa a confusão dos que afirmam acabar a comédia quando o macaco morrer.

FORAM os dois, sim. Dois da Obra. Os legítimos continuadores estão na Obra. Estes dois rapazes de que nos ocupamos hoje são um documento. Uma esperança. Uma promessa. Nós respeitamos absolutamente a liberdade de pensar e de dizer, inata na pessoa. Os rapazes podem dar as suas opiniões. É precisamente por isso que nós temos mais facilidades em conhecer, probabilidades de corrigir, maneiras de orientar. A opinião franca dos dois é um fruto do modo de ser da nossa Obra. Tenho vergonha de confessar que jamais em tal pensei e perfilho-o absolutamente. E se a nossa divisa fosse o «comer e calar», como costuma ser com os menores desta natureza?! Como e onde haviam de tratar as coisas grandes? As generosas? As verdadeiramente humanas? As aspirações ao divino? Como?... A luz é para estar em cima do alqueire!

ACUSAM-NOS de comunista. Sim. Somos comunistas... cristãos. É justamente por isso que, além dos haveres de cada um, respeito também, e muitíssimo, os seus dons espirituais. A liberdade é o maior. Deus cria o homem livre e respeita-lhe a liberdade. Chama feliz àquele que pode fazer o mal e não o faz; ao que pode transgredir e não transgredir. Isto é: livre e libertino são palavras antagónicas. Um merece prémio; outro castigo — o fruto natural da nossa liberdade. Sim. Somos. O verdadeiro, o autêntico, o único Comunismo é este Evangelho, por ser o de Cristo Jesus. Amo. Respeito a pessoa humana com todos os seus atributos. Detesto a série. A tutela. A escravidão.

AGORA mesmo saíram daqui o António mai-lo Amadeu, de me comunicarem a sua ida ao Porto, aonde vão comprar um fato novo e tirar o retrato. Foram sozinhos. Cidade aliciante! Dinheiro na algibeira! Idade curiosa! Que importa? Bem-aventurado seja aquele que pode transgredir e não transgredir. Os meus filhos estão devida e cuidadosamente informados das verdades eternas. Se quiserem, podem cumprir. Eis a nossa escola «risonha e franca». Os dois interessados da hospedaria de que atrás se fala, são desta escola. Por amor dela é que eles pensam, falam, discutem, combinam em família. São, ainda, desta mesma escola dos que já chamámos e outros que devemos chamar oportunamente aos postos de sentinela

D. Amadeu

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Benguela

Peregrina da vida sem marido

QUANDO vossos olhos poisa-rem nesta mensagem, é Natal. Quem me dera ser mensageiro da Alegria para todo o povo! Quando somos animados pelo gozo e a Esperança do tempo do Advento, levantamos os caídos e vamos ao encontro dos peregrinos que não têm onde reclinar a cabeça, nem forças para sobreviver. São tantos!

Chegou, há dias. Trazia um filho no ventre, outro nas costas, outro pela mão. Esta peregrina da vida, sem marido e sem amparo, não encontrou lugar em nenhuma "estalagem" e bateu à porta da Casa do Gaiato. Assim, naquele tempo, aconteceu com Maria e José. Uma corrente de alegria atravessou o seu coração. Manifestou-se o Amor maternal de Deus, na pessoa de Seu Filho, que se fez pobre e excluído para ser entendido e acolhido pelos pobres e excluídos. É Natal!

A mãe está salva. Os filhos, também. Nasceu, entretanto, o que estava escondido no ventre. Que riqueza! Porquê? Há força maior do que a força do Amor? Naquele menino, envolvido em farrapos, reve-

lou-se toda a grandeza e beleza doutros corações femininos que o acolheram com o dom das suas vidas até ao fim. O menino que nasceu em Belém está ali, no mesmo Infantário doutros meninos pobres. O seu irmão também. É Natal! É acontecimento de salvação. Hoje. Quem dera a Festa do Natal fosse vivida no coração, o centro da vida, de cada um de nós, com esta Luz! Sim, porque não faltam luzes e luzinhas que pouco ou nada falam. Que dizes? Que fazes? Ficas de braços cruzados?

Mais. Ontem, ao fim da tarde, três chefes de família transportaram, à cabeça, as chapas para cobrir a sua casinha. São de zinco, porque mais baratas e o material de construção usado é muito precário. Não há poder para mais. As chuvas estão à porta e as paredes vão cair sem a cobertura. Por isso, damos do pouco que temos, com a certeza de que não nos vai faltar. Preparamos, também, deste modo, a vinda do Senhor. Que Ele venha e consiga abrir a porta de grande empresa multinacional a cinco dos nossos rapazes com a 10.ª classe, que, hoje, foram fazer exame de preparação. Compreendemos a

aflição dos pais e dos jovens, quando chega a hora do primeiro emprego e o mercado do trabalho está estrangulado. Temos algumas dezenas à espera. É uma das condições de base para darem início à sua vida autónoma.

Agora mesmo, recebi um telefonema da cidade do Cubal a pedir lugar para quatro meninos sem família, em idade oportuna para serem salvos. Outros, de mais lugares, batem à mesma porta. É Natal! Queremos acolher, num cantinho da nossa vida, os que nos batem à porta, porque não têm aonde ir. Deste modo, os pesos mortos da sociedade vão ressuscitando e a caminhar pelos seus próprios pés.

Os meios de comunicação social anunciam cabazes de Natal e a abundância tentadora para uma porção mínima do nosso povo. Estamos a juntar todas as migalhas possíveis para que não falte o básico às famílias que nos procuram e vivem aquecidas ao calor da mesma fogueira. Quem me dera te juntasses a nós! Desejamos a todos uma Festa de Natal cheia de Paz e Alegria!

Padre Manuel António

Setúbal

Natal dos Pobres

É o verdadeiro Natal. Só celebra o Natal quem é ou se faz Pobre em alguma coisa do que é ou no que tem. O Menino vem para nos enriquecer; quem de nada precisa, nada tem a receber d'Ele.

Nós, hoje, continuamos a missão desse Menino que nasceu nas palhinhas daquele curral de animais. Levamos a Boa Nova do amor de Deus pelos homens, com acções concretas de acolhimento, partilha e esperança na Vida que nos é prometida.

O homem é, por natureza, um ser insatisfeito. Há-de sê-lo até ao último dia de sua vida. Se em dada altura desiste de o ser, morre. A insatisfação que o impele, ajuda-o a procurar, até encontrar, a água que o sacia: «Quem beber desta água nunca mais terá sede...»

Depois, nasce a fome, outra insatisfação que o

inquieta em busca da justiça, da paz e da fraternidade.

O Natal não é pois o ponto de chegada à meta, mas o ponto de partida. É o começo de uma nova vida. É o despertar de um sono que seria mortal se o Natal não acontecesse.

Infelizmente, muitos continuam a não dar guarida ao Menino que vai nascer; ou a procurar maneira de O matar; ou a perseguir-O para que não os incomode nos seus negócios e interesses.

Não o conseguiram, nem conseguirão: «Eu estou convosco todos os dias até ao fim do mundo».

Veio até nós um rapaz rejeitado por todos. Foi expulso de casa, ainda sem capacidade para sobreviver. Decerto que também ele rejeitou alguma coisa para assim ser rejeitado. Rejeição gera rejeição, a não ser que um elo desta corrente puxe para outro lado e a quebre.

Sabemos o lado para que puxamos e queremos puxar a vida. Temos esperança que seja para esse mesmo lado que também ele quer ir. Pena é que depois muitos venham distrair e dificultar este esforço construtivo.

Também isto é Natal: incompreensão, cansaço, rejeição...

Mas, por fim, o fruto dessas dores: a vida.

Padre Júlio

Moçambique

Continuação da página 1

Ontem, segunda-feira, e hoje, as Estruturas e o Director Nacional das Calamidades reuniram-se para análise dos estragos e o modo da recuperação. Dado que o aparelho do Estado é lento, pediram-nos para agilizarmos os recursos humanos e materiais para acomodar e alimentar as pessoas que ficaram sem nada.

Devemos gastar cerca de duas mil chapas de zinco, que pela ganância comercial chegam a ter 0,4 do milímetro, nunca baixando o preço, antes aumentando sempre. São autenticamente de papel. Temos de lhes reforçar a segurança o mais possível.

Enquanto andamos com esta angústia, alivia-nos a paciência e a resignação deste Povo habituado a sofrer. Ontem já levantaram, como puderam, algumas palhotas, cozinham, à noite, do que lhes tinha sido distribuído na semana anterior, mas já molhado pela intempérie, fora da porta. Toda a família ao redor da fogueira, sem

tecto, com uma estrelinha, a ver a panela negra a fumer, aguardando, de cócoras, que a mãe a retire do lume e distribua o pequeno quinhão de farinha ou arroz.

Como não lembrar a Sagrada Família, em Nazaré? Este é que é um verdadeiro tempo de Natal, sem abrigo, sem recursos, debruçados sobre si mesmos, talvez pensando na incerteza da vida dos filhos que lhes nasceram, talvez imaginando qualquer feitiço dos espíritos, poucos com uma luzinha

de Fé, que se acende forte, ao ver-nos chegar junto deles.

Estar no meio deste Povo, aceitá-lo no meu coração como ao Homem das Dores, ou o nosso Jesus de Natal, tão vilipendiado nas ditas sociedades de consumo, tão distante dos corações que abarrotam de outros interesses, traz-me a alegria, escrupulosa porque íntima, de estar no meu lugar, como Padre da Rua.

A todos os que nos têm acompanhado, um melhor Natal.

Padre José Maria

Momentos

Continuação da página 1

A Capela tinha no chão um reboque de tractor acogulado de entulho das obras.

— Eh rapazes!... — Entrei no bar como um balde de água em fogueira viva e a tremer, com medo da rejeição — temos de ir limpar a Capela! Quem se oferece?

Uma suspensão repentina pôs os rapazes a olharem uns para os outros.

— Tem de ser gente com força. Não podem ser os pequenos.

O Serafim, de 21 anos, levantou o braço e abriu os olhos. Logo, mais oito se prontificaram.

Ele há momentos na Casa do Gaiato incomparáveis. O gozo interior, jubiloso e abundante, que os rapazes me proporcionaram não tem paralelo com qualquer deleite mundano.

Com estas idades deixaram o ídolo fascinante do futebol. Voltaram-lhe as costas. Renunciaram ao prazer e conforto ambiental. Pegaram em pás, baldes e vassouras e vá de carregar o entulho para o reboque cá fora e varrer o chão depois de retirarem o papelão cancelado que o protegia. A seguir, os aspiradores começaram a bufar, engolindo poeira e as areias mais escapadiças metidas nas frestas das tábuas. As esfregonas e os baldes tornaram a sua vez, deixando o soalho limpinho. Com panos de pó limparam o lambrim de madeira

depois de aspirado. A seguir, amou-se a Capela, carregando os bancos arrecadados, para a assembleia e a presidência. Foi-se buscar os órgãos com os seus componentes e colocaram-se as flores e as toalhas.

Continua a ser uma operação pesada, longa, fatigante e feliz que se tem repetido todos os fins-de-semana. Limpa-se o santuário, instalam-se todos os apetrechos, e levantam-se no fim de jantar de Domingo que os trochas mais os pedreiros começam a trabalhar na segunda-feira às 07h30.

Só para contemplar a alegria e a nobreza dos rapazes, valeu a pena fazer estas obras.

Em que parte do mundo ou em que lugar poderemos encontrar gestos semelhantes?

Os factos valem mais do que as palavras!

Padre Acílio

PENSAMENTO

A Obra da Rua não é nome de um livro, mas sim a acção estuante de um sacerdote que deliberadamente se quis tornar pobre, para mais proficuamente acudir ao Pobre; porquanto, no apostolado divino, a preocupação do dinheiro é embargo permanente.

PAI AMÉRICO

Uma Boa Notícia

TERÁ sido ou estará decorrendo à hora em que escrevo neste Domingo, 10 de Dezembro, a entrega do Prémio Nobel da Paz ao Doutor Muhammad Yunus. Claro que desconheço no momento o que ele terá dito ou estará dizendo em Oslo; mas repito, citando de novo o Dr. Jorge Wemans, a nossa expectativa de que será um discurso «simples, bem-humorado, certo»

Talvez na próxima edição d'O GAIATO em vésperas de Natal, possa «pôr no sapatinho» dos nossos Leitores, algo mais, e substancioso, sobre esta boa notícia.

Hoje cumpro a promessa de me debruçar sobre o método do *microcrédito* e a sua exigência de um trabalho que me apetecia qualificar de evangelizador, do qual só apaixonados por esta missão são capazes. Missão, digo, porquanto se requer a essencialidade de um espírito animador da acção, o que só acidentalmente acontece no exercício de uma função, ainda que competente e honestamente desempenhada.

Quando há quatro anos um Amigo me pôs na pista do Doutor Yunus, a minha primeira e maior surpresa foi esta: No arranque do projecto que levou ao Grameen Bank, os colaboradores (a maioria alunos da Universidade de Chittagong), saíam de manhã, de bicicleta, para as aldeias onde iam *catequisar* aquela pobre gente, habituada à exploração dos usurários e por isso incrédula. Procuravam prioritariamente aqueles que teriam alguma capacidade de empreendedores, para que os pequenos sucessos alcançados por estes fossem atraindo outros a depor a incredulidade e a aderir. Parecia-me um reviver de Ozanam, mais de um século passado, e do seu grito: «Vamos aos Pobres». Estes mensageiros iam, passavam por lá o dia alimentando-se como calhasse, e regressavam à tarde a dar contas do seu recado e a tratar da «parte administrativa» que, porventura, surgisse em resultado da sua actividade. Penso que se tratava de uma acção

de puro Voluntariado — Vicentinos dos novos tempos, motivados por um Professor Universitário descrente das teorias em que fora formado, e inquieto, numa postura de alma paralela à do seu Colega Ozanam: «Vamos aos Pobres». Foi um tempo heróico de gestação em dores que tem dado à luz tantas vidas o que nos emociona e constitui com certeza para o Doutor Yunus um abstracto de Paz mais doce do que a do prémio que agora recebe.

Hoje, com a dimensão mundial do *microcrédito* — dezenas de milhões de famílias que «passaram da sociedade do desespero para a sociedade da esperança» — certamente são milhares de trabalhadores a tempo inteiro os que desenvolvem estas acções no Grameen Bank e em outros que se lhe juntaram. Exteriormente nada os distingue dos outros funcionários bancários, mas têm de assumir as suas tarefas com alma de Voluntários e hão-de ser formados no espírito e nos métodos com que o Doutor Yunus formou os primeiros para o serviço do Grameen organizado.

No escrito a que já me reportei do Presidente da Associação Nacional de Direito ao Crédito (ANDC), este insiste na conveniência de que «o voluntariado passa vir a assumir uma parte mais interventora e sistematizada na organização do *microcrédito*». E acrescenta outros bons desejos: Que «se intensifique, em termos operacionais a parceria da ANDC com as instituições que, no terreno, conhecem e acompanham as situações dos que mais precisam». E ainda: «Que seja mais reconhecido pelas várias administrações públicas, o papel que o *microcrédito* pode ter, não apenas na erradicação da pobreza, mas também na criação de condições de competitividade e sustentabilidade da sociedade portuguesa».

Quem dera que ao vírus de formalismo e tecnicismo que tanto grassa por aí e à consequente subsidiariedade epidémica, se contrapusessem remédios simples como este, promotores de iniciativas que conduzam à autonomia tão essencial à dignidade do ser humano.

Padre Carlos